

# **AS ESTRATÉGIAS DA PROMOÇÃO INTERNACIONAL DO ABORTO**

**Condensado do depoimento autobiográfico de**

**ADRIENNE GERMAIN**

Original disponível em

<http://www.smith.edu/libraries/libs/ssc/prh/transcripts/germain-trans.html>

## ***1. Início de sua vida.***

Nasci em São Francisco. Meu pai foi um administrador hospitalar e quando eu tinha seis ou sete anos, eu imagino, ele foi hospitalizado por causa de um câncer, que naqueles dias era considerada uma doença transmissível. Foi uma situação muito estigmatizada. De qualquer forma, ele recuperou-se da doença mas em seguida deixou minha irmã gêmea, minha mãe, e a mim mesma em São Francisco e mudou-se para a Costa Leste para procurar um novo emprego, que por fim conseguiu. Minha mãe tornou-se uma assistente social especializada em psiquiatria. Ela retornou à universidade depois do câncer de meu pai e por fim obteve seu Ph.D. na Universidade de Columbia e foi uma pioneira em seu trabalho. Eu cursava nesta época a escola secundária em uma pequena cidade nos arredores de Baltimore quando entrei em Wellesley, e minha vida então mudou totalmente. Eu fui para Wellesley e todo um novo mundo se abriu para mim, você sabe, uma grande diversidade de pessoas, uma total autonomia e independência, e eu amadureci. Eu amava aquilo. E era a famosa turma de 69, a turma de Hillary Clinton.

Até que ponto eu diria que tinha uma consciência social quando entrei em Wellesley? Bem, eu cresci tendo uma consciência social, porque ambos os meus pais de certo modo estavam envolvidos com trabalhos sociais. Meu pai era administrador hospitalar e minha mãe assistente social, e de fato nós crescemos rodeados de uma fortíssima ética de fazer o bem para os outros. E quando eu era mais jovem, de fato, até eu entrar em Wellesley, eu sempre pensei que eu queria ser uma médica. Foi então que, refletindo, à medida em que pensava no assunto, eu entendi que eu não queria ter que tomar decisões de vida-e-morte sobre quem quer que fosse, e portanto eu não queria estar envolvida em uma posição como esta.

## ***2. Formada em sociologia, viaja para o Perú.***

Assim, formei-me em Sociologia. Se você escolhesse fazer uma tese bem feita, o caminho normal seria usar o verão entre o primeiro e o último ano, mas eu tive a oportunidade de através de amigos de outros amigos de viajar para o Perú. Havia uma pesquisa realizada de casa em casa que estava sendo conduzida no Perú pela Universidade de Michigan e os tais amigos dos amigos tinham ligação com ela. Pensei que seria uma alternativa interessante em vez de ficar fazendo pesquisa em biblioteca. E Lima, como cidade, estava muito no centro dos debates da Sociologia sobre padrões de crescimento urbano. Portanto, eu decidi que eu faria minha tese sobre

Lima, mas tendo a possibilidade de trabalhar com o pessoal da Universidade de Michigan. Estamos falando de 1968.

Bem, eu não falava nada de espanhol. Além disso, eu tinha recebido um dinheiro, mas não o suficiente para viver por mim mesma. Assim, eu aluguei um quarto junto a uma família de baixa renda. E então, quando eu cheguei em Lima, com certeza, eu não falava a língua e nunca tinha viajada para o estrangeiro. Percebi que era uma família muito violenta e eu terminei tendo que montar uma barricada em minha porta todas as noites.

De qualquer maneira, tudo isso era imensamente desafiador, mas aquilo em que eu gastava a maior parte do meu tempo eram as saídas com o pessoal de Michigan quando eles faziam as entrevistas, e muitas destas entrevistas eram nas favelas de Lima, as *“barriadas”*, mas depois uma grande quantidade delas eram em cidades menores e também em vilas rurais em todo o país. Assim eu pude atravessar todo o Perú.

Eu não sabia falar espanhol, mas ficava junto e ouvia, e tinha, como ficou evidente, um bom ouvido. O pessoal de Michigan era muito gentil para comigo e não se preocupavam em traduzir. Mas o que aconteceu nesta situação foi que eu observava muito. Foi muito, muito intenso. Todos os meus sentidos foram, e nunca tinham sido em nenhuma circunstância como essa, todos estimulados e algumas vezes até diria assaltados. Eu escrevi uma tese no fim relacionada com os padrões espaciais de crescimento. A principal teoria naquele tempo sobre crescimento urbano, o final dos anos 60, era que ele se desenvolvia em círculos concêntricos a partir de um miolo rico, e os teóricos esperavam verificar que quanto mais longe você se dirigisse, mais pobre a população se tornaria. Mas isso decididamente não era o modo como Lima estava se desenvolvendo, quero dizer, em círculos concêntricos. A população abastada ou de classe média começou a mudar-se para lugares menos povoados onde pudessem cultivar jardins, e et cetera. Não foi nada de um trabalho pioneira, mas no fim terminei criticando estas principais teorias sobre crescimento urbano, e isso foi divertido.

### 3. Casa-se e dirige-se a Berkeley para obter seu PhD.

Voltei para Wellesley para completar meu último ano. Naquele tempo eu decidi, assim como muitos de minhas amigas também o fizeram, casar-me no dia seguinte à minha colação de grau. Eu me inscrevi para um programa de Ph.D. na Universidade da Califórnia em Berkeley em Sociologia, e quando eles me mandaram a carta de aceitação, também me concederam uma bolsa para cinco anos de carreira, totalmente paga, com um salário para manutenção, que era uma coisa que não se ouvia falar, patrocinada pela Fundação Ford. Eu não tinha a menor idéia do que fosse a Fundação Ford. Eu disse: **“Ora, bem, muito obrigado. Isso vai ajudar muito”**. Meu marido não tinha emprego e a idéia era que nós dois queríamos ficar na Califórnia. Isto foi em 1969.

E então, logo depois de fazer isso, ele conseguiu uma oferta de emprego em Nova York, voltou para casa, contou-me isso e disse que tinha aceitado. E alguma coisa então rachou, quero dizer, ele nem me havia consultado. Ali estava eu com uma balsa de cinco anos, bem encaminhada e realmente adorando Berkeley e assim por diante. Mas eu pensei que eu iria porque tendo sido educada do modo como fui eu não podia nem pensar em divórcio.

Não estava casada nem há seis meses. Tinha sido em novembro. E supunha-se que partiríamos, não consigo me lembrar se era o dia de Natal ou no Ano Novo, um dos dois. Tudo estava empacotado e todo aquele tipo de tranqueira, e nos mudamos para um hotel na última noite, eu imagino. Acordamos muito cedo na manhã seguinte para tomar o avião, quando o alarme soou e eu entendi que eu não iria. Ele esbravejou um monte de coisas, nem preciso dizer. Mas acabou indo. E eu pensando, como pude ter-me casado com este homem, eu não sei, mas é a experiência da vida.

Já estava chegando junho e eu ainda não tinha resolvido nada com meu marido. Eu ainda não podia pensar em divórcio e o que eu decidi fazer era ceder novamente, voltar e tentar salvar o casamento outra vez, em Nova York. Assim eu comecei a procurar emprego. Naquele tempo a seção de demografia do departamento de Sociologia era um dos principais centros de demografia nos Estados Unidos e eu havia estudado com duas das principais pessoas que tiveram um enorme impacto em minha vida, Judith Blake e Kingsley Davis.

#### **4. Muda-se para Nova York, consegue emprego no Population Council e divorcia-se.**

Assim eu acabei os nove meses e tudo e me inscrevi em diversos lugares em Nova York para tentar encontrar um emprego, pensando que devia tentar fazer o casamento andar e poderia ser que um dia poderia voltar e completar o curso ou qualquer coisa. Eu comecei minhas entrevistas na Fundação Ford, na qual novamente, fui classificada como não registrada ou eles se esqueceram que minha bolsa havia sido paga pela Fundação Ford, fiz entrevistas no Population Council, em grande parte por causa de sua fama, e creio que também na Planned Parenthood.

Eu cheguei e meu marido havia recebido o cargo de consultor itinerante na zona rural de Massachusetts e ele esperava que eu fosse com ele, o que eu fiz, e que eu permanecesse naqueles horrorosos hotéis um dia depois do outro todo o dia por minha conta enquanto ele fazia o seu trabalho de consultor. De qualquer maneira, a partir daí eu tinha também que viajar por conta das minhas entrevistas, que eu insistia em fazer. Ele não queria que eu fizesse, mas eu insistia.

Ele queria que fosse uma esposa do lar. Parece que era isso o que ele queria. Mas, nem é preciso dizer, a entrevista não ia muito bem. Uma coisa que eu lembro a respeito foi que um homem que depois se tornou muito importante estava me entrevistando, olhou para mim e me disse: **“Bem, agora, eu realmente não penso que nem possamos considerá-la para este trabalho porque você é casada”**. Eu disse: **“O que?”**. Ele respondeu: **“Bem, sim. Você irá trabalhar conosco por um ano ou dois e depois irá embora para ter os seus bebês”**.

Naquela época não era ilegal dizer estas coisas. E a outra coisa que lembro foi uma pergunta que usei novamente muitas e muitas vezes em minha vida, que era, ele me disse, **“Se você tivesse dois milhões de dólares para gastar no trabalho populacional, como você o gastaria?”** Isso, com certeza, era algo que eu nem tinha pensado a respeito porque eu realmente não sabia o que a Fundação Ford era ou o que eles faziam no mundo. Mas a entrevista no Population Council foi melhor, e John Ross, que era um líder na área de avaliação do programa de planejamento familiar, contratou-me como pesquisadora associada.

Meu marido ficou horrorizado. Disse que eu não podia aceitar o emprego porque iam pagar-me nove mil dólares e nós iríamos acabar pagando mais impostos ou alguma coisa do tipo. Bem, isto e algumas outras poucas coisas do gênero foram para mim a gota de água e eu decidi, okay, isto não vai dar certo.

#### **5. O trabalho no Population Council.**

Iam fazer duas coisas no Population Council naqueles dias. A primeira era alguma coisa chamada de programa pós-parto. Alguém tinha tido a idéia de que o período pós-parto, imediatamente depois que uma mulher

desse à luz, seria um excelente período para abordar a mulher sobre contracepção. Então eles fizeram um estudo mundial, multinacional.

E tudo isso era feito por homens. Só havia duas outras mulheres no Population Council em cargos profissionais quando eu cheguei. John Ross estava começando a primeira das que se tornaram uma série de análises bastante regulares dos programas de planejamento familiar. Muitos deles haviam começado bem. O programa iniciado em 1952, na Índia, havia sido o primeiro e desde então houve outros. Eu era basicamente uma pesquisadora assistente para os programas de avaliação de planejamento familiar de John Ross. De qualquer maneira, estou tentando lembrar agora quando isto aconteceu, mas basicamente o que me chocou em tudo isto foi que os homens do Population Council e seus escritos nunca se referiam às mulheres como pessoas reais. Eles se referiam a receptores de contraceptivos, a usuários ou a casos pós-parto. E basicamente nós estávamos pedindo às mulheres que elas tivessem menos crianças usando métodos imperfeitos de contracepção. Minha posição era que nós devíamos oferecer serviços de aborto ou algum suporte de serviços de aborto para as mulheres cujos contraceptivos falhassem.

Isto foi antes de Roe v. Wade. Em meu ponto de vista, como moralmente nós poderíamos pedir às mulheres que enfrentassem os riscos da contracepção para ter tantos filhos se claramente suas circunstâncias de vida exigiam que elas tivessem tantas crianças quantas elas pudessem e não habilitávamos uma mulher que tivesse tido uma gravidez indesejada para que pudesse terminá-la? Quero dizer, para mim isto era inconcebível, então eu comecei a promover debates, incluindo um famoso debate com o presidente do Population Council, cujo nome era Barney Berelson. E isto foi, suponho, perto do fim de 1970.

## 6. *Completa o Ph.D. e volta para Nova York.*

E John Ross, ao mesmo tempo, estava muito preocupado e andava me advertindo, isto foi sim no fim de 1970, dizendo: ***“Veja, Adrienne, você quase terminou seu mestrado e falta muito pouco para fazê-lo. O Population Council irá pagar as despesas se você voltar a Berkeley para completar o seu mestrado”.*** E eu disse: ***“Bem, isto é muito gentil de sua parte. Excelente”.*** Completei o mestrado, fiz tudo o que era necessário e então voltei para o Population Council.

## 7. *Harkavy chama Adrienne.*

O que aconteceu, entretanto, era que eu estava cada vez mais e mais preocupada porque percebia que o Population Council não estava prestando nenhuma atenção ao que de fato era a vida das mulheres, e que não estava sendo bem avaliada a injustiça, o horror de colocar sobre elas todo o risco não só dos efeitos colaterais dos contraceptivos, mas também de ter menos crianças do que seus companheiros desejariam. E esta avaliação tinha que ser feita. Mais, havia a contínua questão do aborto. E eu estava muito inquieta, quando tive uma chama de Bud Harkavy, que era o chefe do programa populacional da Fundação Ford, e ele disse que estava procurando alguém para o cargo de assistente do programa e se eu não estaria interessada.

Mas eu tive uma outra chamada uma semana mais tarde ou algo assim, dizendo que ele tinha dois principais candidatos e que eu era um deles, e que a única maneira pela qual ele poderia realmente tomar uma decisão eles,

pois tratavam-se de pessoas muito diferentes, era pedindo-nos a cada um que escrevêssemos um memorando de cinco páginas sobre o último artigo de Barney Berelson, que se chamava **“Além do Planejamento Familiar”**, que naqueles dias era considerado um trabalho pioneiro.

Ele estava pedindo que criticasse o trabalho de meu atual chefe, mas o que ele não sabia, e que eu disse para ele, foi: **“Já está pronto”**. Um trabalho de doze páginas escrito para o próprio Barney sobre o que estava errado naquele artigo. Então enviei o memorando e ele me contratou.

Bem, enquanto isso, enquanto ele estava lendo este artigo, pensei que faria uma excelente coisa se pesquisasse sobre a Fundação Ford antes que ele me chamasse novamente. O que descobri foi que a **Fundação Ford**, sob a direção de **Bud Harkavy**, junto com John Rockefeller III, que vai aparecer depois nesta história, tinha criado o Population Council e que Bud Harkavy tinha sido responsável por colocar Barney Berelson na presidência, porque Barney tinha estado trabalhando com a Fundação Ford. E quando descobri isso eu pensei: **“Bem, acho que está tudo acabado”**.

Mas no fim ele me chamou novamente e disse que gostaria de me oferecer um emprego. **“Bem”**, disse ele, **“você sabe, nós conseguimos montar uma equipe grande. Então eu acredito que poderia contratar uma iconoclasta”**. Eu respondi: **“Excelente, isto é sensacional. Certo, então eu vou”**. E acrescentei: **“Aproveitando o assunto, eu nunca lhe perguntei sobre isso, mas por que você me chamou?”** E ele respondeu: **“Bem, eu pedi sugestões aos chefes de todos os centros de estudos populacionais e Judith Blake e Kingsley Davis disseram que você era a melhor de todas as estudantes que eles já tinham tido e que eu devia contatá-la”**. Eu nunca soube que era isto o que Judith e Kingsley pensavam de mim, mas estava ótimo. Mas ele me disse: **“Escute, eu sei que você escreveu estas coisas sobre o artigo de Barney Berelson ‘Além do Planejamento Familiar’, que evidentemente não gostou do trabalho e que teve algumas idéias novas a respeito, então por que não escreve um memorando sobre o que a Fundação Ford poderia fazer sobre quaisquer coisas que você pense que sejam as mais importantes?”**

Assim escrevi um memorando que basicamente dizia que havia uma única mulher em toda a divisão. Tinham dezoito escritórios com sede em outros países no mundo todo. Não tinham nenhuma equipe feminina. Estavam financiando programas maciços em controle populacional, agricultura irrigação, algum desenvolvimento urbano e comunitário, educação superior. E a única, a única atividade, em tudo, que pude desenterrar e que tinha alguma relação direta com as mulheres era o financiamento de departamentos de economia doméstica. Isto e o planejamento familiar, era assim. Escrevi um memorando que basicamente dizia que se você quer que as mulheres tenham menos crianças, até Judith Blake e Kingsley Davis dirão que as mulheres têm boas razões para terem grandes famílias, e se você quer que elas mudem isto, então você terá que dar-lhes algumas opções, que incluirão emprego, educação, et cetera.

Naqueles dias o vice presidente da Fundação era David Bell e McGeorge Bundy era o presidente. Bud enviou este memorando para cima com o resto dos papéis orçamentários e Bell pediu para ver-me. Ele me disse: **“Acho isto muito interessante. Não tenho certeza se você está certa e se iremos fazer alguma coisa neste sentido. A única pessoa que pode dizer como fazê-lo é você”**. E acrescentou: **“Basicamente, vou mudar o seu trabalho”**. Assim, tornei-me o que era chamado de especialista de projetos. Ainda sentava-me no escritório de população, mas os especialistas de projetos referiam-se diretamente a Dave Bell. Havia dois outros homens, bem veteranos, que faziam o mesmo. Meu trabalho tornou-se planejar como eu iria persuadir cada um dos escritórios da Fundação Ford sediados nos vários países a promover as mulheres. E tinha para isso um grande tempo.

## **8. As mulheres no Perú.**

Vou dizer algo mais sobre o que vi entre as mulheres no Perú. Havia um mundo de coisas que pude observar. A primeira de todas, quando perguntávamos a idade, porque sempre o fazíamos, eu ficava espantada o quanto as mulheres eram mais jovens do que aparentavam. Eram mulheres que tinham envelhecido para muito além de sua idade. Com muita frequência, em muitas comunidades, víamos muito poucos homens e, quando alguém perguntava onde eles estavam, a resposta era que eles haviam emigrado em busca de trabalho ou simplesmente haviam desaparecido. Muitas destas mulheres estavam desfiguradas. Muitas delas se defrontavam com aquilo que hoje chamaríamos de estupro marital. Havia também mais todas aquelas crianças que eram muito doentes. E o que me impressionava enormemente era o quanto todas estas mulheres, vivendo nestas diversas circunstâncias, eram fortes. Elas enfrentavam as torturas dos condenados tão bem quanto poderia contar. E não estavam fazendo qualquer planejamento familiar, isto é certo. Quero dizer, tratava-se de um país Católico Romano no sentido estrito. Que opções elas tinham? Não tinham serviços de saúde para si e muito pouco para suas crianças. Faziam tudo o que pudessem para ganhar aquele minguado dinheiro que possuíam e falavam sobre o que os homens faziam com os seus salários. Foi ali onde ouvi pela primeira vez o que os homens fazem com o salário. Eles compram cigarros, bebem, a menos que se trate de um país muçulmano como Bangladesh onde os homens tomam chá em vez de álcool, e então batem em suas mulheres e em seus filhos. Fiquei muito, muito profundamente impressionada com tudo aquilo. Ainda posso visualizar as mulheres. Estas imagens permaneceram comigo todos estes anos.

## **9. Mais sobre discriminação.**

Aconteceu que eu não havia ainda lido nada sobre literatura feminista. Nunca havia estado em grupos de elevação de consciência. Não tinha nenhuma idéia, nenhum entendimento que o feminismo estava lá fora. Um ano mais tarde, depois que o vice presidente pediu-me para fazer este trabalho, Bud Harkavy contratou uma outra pessoa para a equipe, um homem jovem, mais ou menos da minha idade, cuja única diferença em relação a mim era que quando eu havia sido contratada ele tinha um Ph.D. na mão. Como sempre havia sido uma observadora, passei a notar sua socialização no escritório. Era algo totalmente diferente do que eu mesma havia experimentado. Foi a primeira vez que pude perceber que eu havia sido tratada diversamente.

Durante todos aqueles anos havia visto a opressão pela que passavam todas as mulheres de que estive falando, mas nunca senti que tivesse experimentado alguma discriminação. Realmente não era a discriminação o que havia me chamado a atenção. Havia sido a terrível pobreza e injustiça que aquelas mulheres haviam enfrentado, a violência e assim por diante, mas nunca havia conceitualizado estas coisas como discriminação ou o que fosse.

## **10. Joan Dunlop e o Conselho Populacional.**

Naquele mesmo tempo conheci **Joan Dunlop**, que é uma figura muito importante em tudo isso. Em 1973, havia sido secretária da Fundação Ford. Havia vindo da Inglaterra. Tinha tido uma história de vida muito independente. Era treze anos mais velha do que eu e havia trabalhado para um homem maravilhoso da Fundação Ford. Mas ela, Joan, foi trabalhar para John Rockefeller III na administração de suas atividades filantrópicas no campo populacional, que era a filantropia própria e individual de Rockefeller. Ele era um homem notável, que

havia criado o Conselho Populacional em 1952, após haver sido apresentado pelo seu pai, (John Rockefeller II), a algumas cenas do mesmo tipo que eu já havia visto (no Perú). Mas o que impressionou a John Rockefeller nestas cenas (não foi a questão da discriminação das mulheres mas) as grandes massas de povo morando em espaços muito pequenos, em muito pouca terra e em profunda pobreza. Ele não conseguiu ver nenhum elemento de gênero em tudo aquilo.

Assim ele estabeleceu o Conselho Populacional que se constituiu em uma liderança, realmente, junto com a Fundação Ford e o próprio Rockefeller, na promoção de pessoas como Paul Ehrlich e outros que diziam que o mundo estava indo para o inferno em uma cestinha de mão e que se não controlássemos o crescimento populacional, nada mais teria qualquer importância. Essa era a mentalidade. Bem, John Rockefeller era um homem notável. Contratou Joan e lhe disse: ***“Joan, há alguma coisa errada neste campo (das atividades populacionais) e eu não sei o que é, mas sua primeira tarefa é descobrir o que”***.

Mas se alguém trabalha para John Rockefeller, ou na Fundação Ford, pode marcar um encontro com qualquer pessoa. Assim Joan começou sua pesquisa e entrevistou todas as pessoas óbvias da área populacional. Então voltou para John Rockefeller e lhe disse, basicamente: ***“Minha conclusão é que um número muito pequeno de homens controlam todo o dinheiro e as idéias nesta área. Eles se apoderaram de tudo e realmente não há nenhuma inovação. Eu pessoalmente não sei que inovações deveriam ser feitas, mas qualquer coisa que o Sr. suponha que esteja errada, Mr. Rockefeller, provavelmente se deve a este fato”***. Rockefeller respondeu: ***“Bem, correto, isso é interessante”***.

Sendo assim, o próximo passo seria então tentar encontrar alguns iconoclastas. Joan procurou Susan Berresford, que naqueles dias trabalhava no programa doméstico da Fundação Ford.

## 11. Dunlop encontra Adrienne.

Joan explicou o caso para Susan e disse: ***“Susan, estou aqui para encontrar pessoas com idéias diferentes. Tem alguma sugestão para mim?”*** Susan respondeu: ***“Bem, temos aqui uma jovem muito interessante no escritório do Bud Harkavy. Por que não fala com ela?”*** Foi assim que eu recebi um telefonema de Joan Dunlop e ela me convidou para jantar. Creio que falamos durante quatro horas.

Depois desse encontro Joan voltou para Mr. Rockefeller e disse-lhe: ***“Certo, já descobri o que está errado na área populacional. O pessoal é racista e sexista. Existe uma jovem realmente muito interessante com quem aprendi isso e aí está a pista que o Sr. deve que seguir”***.

Assim, basicamente, Rockefeller fez aquilo que Joan havia sugerido. Certamente Joan havia também ouvido um montão de pessoas. Foi em 1973 quando encontrei-me pela primeira vez com Joan e a uma coisa que ouvi sobre John Rockefeller era que havia se dedicado em uma Comissão sobre Crescimento Populacional e o Futuro dos Estados Unidos, que penso haver sido nos anos Carter [na realidade, nos anos Nixon]. Ele havia coordenado a comissão. Era uma comissão presidencial. Mas os presidentes mudam. O novo presidente havia rebaixado a própria comissão ou se recusado a receber o seu relatório, não lembro exatamente o que.

Voltando à nossa história, uma vez que Rockefeller havia aceitado que a área populacional era racista e sexista, Joan então tinha que descobrir o que fazer. Estávamos em meados de 1973. Joan decidiu que o jovem louro que havia montado a Comissão Populacional dos Estados Unidos para Mr. Rockefeller deveria conversar comigo. Ela nos apresentou mutuamente e eu me apaixonei totalmente à primeira vista. Você sabe como é. Bingo! Ele não

tinha treinamento em demografia nem sociologia, mas nós três fomos jantar, começamos a falar a respeito de questões populacionais e fizemos **tempestade cerebral sobre tudo**.

## **12. Rockefeller discursa em Bucareste.**

Repentinamente, devemos estar no final de 1973, Mr. Rockefeller foi convidado pela ONU para discursar na Conferência Mundial de População de 1974 em Bucareste. Esta foi realmente a primeira conferência mundial de população. Joan foi incumbida com a responsabilidade de escrever o discurso junto com o redator de discursos de Mr. Rockefeller. Assim nós três, o homem que veio a tornar-se meu segundo marido, Steve Salyer, Joan, e eu - escrevemos o discurso.

Eu escrevi o discurso. E então Joan e Steve trabalharam com Mr. Rockefeller. Mas para escrever o discurso eu tive muitas reuniões com Mr. Rockefeller. Conte-lhe sobre as mulheres no Perú e pedi para que se lembrasse do que ele havia visto em todas as suas viagens e todos estes tipos de coisas. Conte-lhe sobre o Conselho Populacional e et cetera. Basicamente esboçamos um discurso que hoje pareceria excessivamente tímido. Mas quando aquelas palavras saíram da boca de Mr. Rockefeller em Bucareste em 1974, para os que na época trabalhavam com questões populacionais pareceram que abalavam o mundo.

## **13. Berelson e outros desaprovam o discurso.**

Na verdade, as pessoas se enterraram vivas e com raiva, e um deles foi **Barney Berelson**. Em primeiro lugar, ele havia ficado muito ressentido porque Mr. Rockefeller não o havia chamado para escrever o discurso. Depois, quando descobriu que quem havia escrito o discurso eram Joan Dunlop e dois pequenos novatos chamados Steve Salyer e Adrienne Germain, ficou fora de si. Dirigiu-se a Mr. Rockefeller e queixou-se. Mas Mr. Rockefeller respondeu: **“Barney, estas são as idéias em que estou interessado, e é isto o que eu quero fazer”**.

Não muito tempo depois, na verdade, imediatamente após o discurso, o homem que havia criado e que naquela época ainda dirigia o Instituto Alan Guttmacher Institute, Fred Jaffe, junto com Jeannie Rosoff, pediram-me que sentasse com eles e conversasse sem pressa. Mas eles começaram a me esquartejar. Tentaram explicar durante um longo tempo o quanto aquele discurso estava equivocado, como as propostas iriam destruir o trabalho populacional e toda a motivação que eles haviam construído ao longo dos anos junto ao Congresso americano para o financiamento do trabalho populacional.

Por que eles pensavam isso? O discurso basicamente dizia que **se fossemos pedir às mulheres que tivessem menos filhos**, quando tudo em suas vidas recomendava que para sua própria segurança e sua própria sobrevivência deveriam ter tantas crianças quantas o homem quisesse, **então teríamos realmente que dar opções às mulheres**. E o mínimo que o discurso dizia era que as meninas deveriam ser educadas e que as mulheres deveriam conseguir emprego. Não era sobre o aborto. Não era sobre todas as preocupações que desenvolvemos mais tarde, mas muito rapidamente, sobre a qualidade abissal do acesso aos serviços de planejamento familiar. Abordava apenas o ponto muito simples de que **não se pode apenas dar anticoncepcionais para as mulheres**. Naquele momento isto era revolucionário, e a razão pela qual estavam furiosos era porque o único envolvimento deles com pesquisa havia sido quanto à avaliação dos programas. Estavam manuseando um número suficiente de pílulas? Podemos fazer cálculos que mostrem que tantas mulheres estão usando pílulas por tanto tempo e que isto significa tantos pontos a menos na taxa de natalidade? Esta era a visão puramente demográfica das coisas.



Não posso realmente dizer por que estavam furiosos. Posso somente fazer hipóteses. Acredito que a área populacional havia estabelecido estes programas muito estreitos de planejamento familiar, que chamamos de programas verticais de oferta de serviços de planejamento familiar, que tentavam evitar o máximo possível o sistema de saúde a ponto de absolutamente não abordarem nenhum outro aspecto da vida das mulheres. Consistiam apenas na entrega direta do planejamento familiar. Reimert Ravenholt foi tão longe nisso que você deve ter ouvido falar a respeito da história das pílulas da mulher azul. Eram os primeiros pacotes de pílulas. Reimert Ravenholt apareceu com a idéia de embrulhá-las para entrega no Paquistão em um envelope branco com a silhueta em azul do rosto de uma mulher. Foi assim que elas acabaram sendo chamadas de pílulas da mulher azul. Ele costumava brincar, não acho que chegou alguma vez a fazê-lo, mas costumava dizer que o que realmente deveríamos fazer era enviar aviões que sobrevoassem o país a uma altura bem baixa e despejar as pílulas pelos aparelhos. Era este o tipo de pensamento que vigorava naqueles dias.

Barney estava exasperado. Seu artigo intitulado ***“Além do Planejamento Familiar”*** concentrava-se primariamente no desenvolvimento de vários tipos de esquemas para motivar as mulheres a usar anticoncepcionais. Use a pílula durante tanto tempo e você não ficará grávida por dois anos ou coisa que o valha e então você ganha de brinde, sei lá, uma conta bancária ou alguma coisa do tipo. Ou então, venha, coloque um DIU e você ganha trinta dólares. Eram estes vários tipos de esquemas. Mas a mentalidade era essa. Então, quando basicamente eu disse que uma parte dos programas populacionais deveriam consistir na educação das meninas e no emprego das mulheres eles pensaram entre si que aquilo significava tirar dinheiro dos programas populacionais, que para eles significavam os serviços verticais de anticoncepcionais, para colocar os recursos em alguma coisa diferente.

Mas estávamos falando sobre o discurso que John D. Rockefeller fez em Bucareste. Fred Jaffe e Jeannie Rosoff assumiram a tarefa de tentarem doutrinar-me a respeito. E Barney Berelson, o presidente do Conselho Populacional, passou a fazer o mesmo.

#### ***14. Adrienne vai para as Filipinas e o Paquistão.***

Em 1973, depois de um ano na Fundação Ford, entendi que realmente não era possível fazer nada na divisão internacional da Fundação a menos que trabalhássemos com os escritórios sediados no estrangeiro. E ficou claro também que nenhum representante, nenhum chefe de escritório regional iria convidar-me para uma visita. Primeiro, porque não os conhecia. Segundo, porque mesmo que os conhecesse, nossos temas não estavam em suas agendas. Assim decidi que, já que iria entrar em férias e tinha economizado algum dinheiro, iria dizer ao meu chefe, Bud Harkavy, que estava indo para a Ásia. Tudo pago por mim mesma. Perguntei-lhe se poderia escrever para uns dois representantes dos escritórios regionais, dizer-lhes que estaria na região e que gostaria de visitá-los, se concordassem, para conversar.

Fui para as Filipinas e o Paquistão. O representante das Filipinas tinha um encontro agendado e não podia hospedar-me. Decidiu, em vez disso, que já que eu havia escrito aquele trabalho sobre o artigo de Barney Berelson ***“Além do Planejamento Familiar”***, que incluía uma porção de esquemas de incentivos, enviar-me-ia para Mindanao para examinar as propostas de esquemas de incentivos que estavam sendo feitas. Eu aceitei a tarefa, mas com certeza o representante não sabia que eu havia sido muito negativa a respeito dos esquemas de incentivos, tais como Barney Berelson os havia publicado.

Foi então que passei uma semana de inferno em Mindanao. Em todo caso, percorrer a ilha com os militares tornou mais rígido meu julgamento de que aquilo que preocupava as pessoas no que dizia respeito ao controle

populacional era realmente, como Joan Dunlop havia dito a Mr. Rockefeller, algo racista e sexista. As mulheres viviam em condições mais pobres do que aquelas que eu havia visto no Perú, sem realmente nenhuma escolha, e eram terrivelmente tratadas pelo pessoal que [supostamente deveria] estar preocupado com elas. Estas cenas iriam repetir-se em meu trabalho ao longo de toda a minha vida, como no Nordeste do Brasil, que é verdadeiramente uma das áreas mais pobres do mundo, especialmente naqueles dias, e com certeza na Índia e outros países.

Fui em seguida para o Paquistão, que foi um tipo de experiência completamente diferente. Era, e ainda é, uma sociedade muçulmana extremamente conservadora. A maioria das mulheres usam véu. Decidi que deveria tentar usar a burka, que no Paquistão geralmente é a completa. No Paquistão, deste modo, defrontei-me pela primeira vez com o que significa ser uma mulher qualquer. Ia nos mercados e em vários lugares. Os homens, sem exceção, confrontavam-me abertamente e passavam suas mãos em meu corpo. Nunca senti que aqueles homens pudessem deixar de lado minha feminilidade e reconhecer-me como profissional.

Mas de qualquer modo, para não estender-me muito, aquela minha primeira visita à Ásia teve obviamente efeitos profundos que se somaram à minha experiência peruana, que havia sido muito diversa. Quando voltei, escrevi um longo artigo tentando juntar todas as informações que tinha conseguido sobre as mulheres do campo de várias sociedades.

### **15. Adrienne vai para Bangladesh.**

Continuei a realizar aquele tipo de trabalho na Fundação Ford e gradualmente a primeira coisa de importância que aconteceu foi que por volta de 1975 o diretor regional da Fundação Ford em Bangladesh convidou-me para uma visita. E George, George Zeidenstein era o seu nome, convidou-me para planejar o que a Fundação Ford poderia fazer. Bem, era esta a oportunidade de que eu realmente necessitava para poder prosseguir adiante e produzir uma virada. Só para mencionar, foi ali que eu gastei meses e meses de tempo, até meados de 1976, e pude aprender enormemente. Gastei todo o meu tempo nos vilarejos. Entre uma tarefa e outra, passei a viajar para a Índia, a América Latina e outros países. De fato, havia um pico de energia e os escritórios regionais estavam me convidando.

### **16. Adrienne indica o quarto presidente do Conselho Populacional.**

Foi quando Mr. Rockefeller, em 1975, pediu a Joan Dunlop que encontrasse um novo presidente para o Conselho Populacional. Joan veio perguntar-me quem deveriam ser os candidatos. E respondi: **“Bem, há um homem maravilhoso em Bangladesh. Por que não pensa nele?”** Assim nós duas planejamos que em uma de minhas próximas viagens iríamos juntas para Bangladesh. Levei Joan para Bangladesh, apresentei-a a George e, no fim, ela indicou George. Penso que Barney Berelson, o último presidente, havia-se aposentado, porque estava pessoalmente muito desgostoso com tudo aquilo. Joan apresentou George a Mr. Rockefeller como o principal candidato. E Mr. Rockefeller gostou imensamente dele. George era um advogado. Havia sido chefe do Corpo de Paz no sul da Ásia por muitos e muitos anos. Sempre foi um iconoclasta. Quando os homens usavam cabelos curtos, ele os usava longos. Quando os homens passavam a usá-los longos, ele os usava curtos. De qualquer modo, foi assim que Mr. Rockefeller decidiu-se por George Zeidenstein, e então nos primeiros meses de 1976 deixou Bangladesh para assumir este trabalho e Barney Berelson estava pronto para ser amarrado. Porque Mr. Rockefeller, com a pressão e a assessoria de Joan e de mim mesma, acabou concordando que necessário trazer gente de fora.

Injetar sangue novo no trabalho para poder rever e repensar quais seriam as prioridades e como deveria ser executado todo o trabalho com base nas premissas do discurso de Bucareste, cuja principal premissa era que se quiséssemos que as mulheres tivessem menos filhos, era assim que nós falávamos naqueles dias, então teríamos que dar a elas opções. Educação, emprego, o que fosse. Assim George veio e realmente transformou completamente o Conselho. Trouxe novos temas de preocupação e pessoas novas como Judith Bruce.

Minha base na Fundação Ford ainda era o escritório de Nova York, mas fazendo todas estas viagens. Ainda não tínhamos equipes femininas no campo em qualquer tema, e nenhuma mulher na divisão internacional em Nova York. E naqueles dias eu ainda não estava consciente que aquilo era uma coisa péssima. mas sabia programaticamente que era uma coisa má, porque em muitos países se você não tivesse mulheres para falar para as mulheres a Fundação Ford realmente não iria conseguir nada.

### **17. Frank Thomas torna-se presidente da Fundação Ford.**

Antes que tivesse planejado o que poderia fazer, McGeorge Bundy aposentou-se e o conselho recrutou Frank Thomas como o novo presidente da Fundação Ford em 1979. Ele representou, certamente, uma mudança dramática. Frank Thomas havia sido criado na pobreza por uma mulher humilde da Jamaica. Ao assumir a presidência seu primeiro ato foi chamar toda a equipe junto, cada indivíduo que trabalhava no escritório da Fundação Ford de Nova York. Sua mensagem foi: ***“Tenho um conjunto muito forte de valores e aceitei este cargo porque penso que a Fundação Ford pode promovê-los. E estes valores são fundamentalmente a não discriminação em todos os aspectos, incluindo sexo, raça, et cetera. Este é o cerne de meus valores”***. Mas a não discriminação por razão de sexo foi a primeira que saiu de sua boca.

Seu segundo ato, logo após sua chegada, foi pedir a mim, no âmbito internacional, e a Susan Berresford, que trabalhava no programa no âmbito nacional, que fizéssemos uma revisão completa de norte a sul e de leste a oeste do que a Fundação Ford fazia em relação às mulheres.

### **18. Adrienne chefia o escritório em Bangladesh.**

***“Você sabe, Adrienne”, disse-me Frank, “preciso de um vice presidente e ele será Susan. Mas não quero que se vá. Portanto, o que gostaria que se tornasse a primeira mulher representante da Fundação e deverá chefiar o escritório em Bangladesh. Você o faria?”*** Pensei a respeito e respondi: ***“Sim, é claro”***.

Mas então iniciou-se uma terrível, terrível batalha. Primeiro, porque o representante que estava no cargo naquele momento em Bangladesh, com o qual eu havia trabalhado, continuava concedendo recursos, fazendo sua equipe trabalhar e assim por diante, também havia decidido que alguém de sua equipe residente deveria ser o representante.

De qualquer modo, fui a Bangladesh e assumi o cargo por duas razões. A primeira foi porque eu amava aquele país e pensava realmente em quanto podia contribuir. A segunda foi porque eu estava determinada a demonstrar que alguém poderia transformar um programa regional em um programa sensível às preocupações das mulheres e à promoção de suas oportunidades. Em particular, queria demonstrar como um programa populacional poderia transformar-se em um programa de saúde reprodutiva, porque eu havia concluído por volta de 1980 que era

realmente isso o que se fazia necessário, precisávamos de uma abordagem de saúde reprodutiva para trabalhar com as mulheres. Isso era totalmente contra as diretrizes do governo dos Estados Unidos, que havia dominado o programa de planejamento familiar em Bangladesh.

Reimert Ravenholt ainda estava na USAID ou já não estava, mas o seu sucessor, e isto foi uma verdade até o dia em que Duff Gillespie se aposentou, todos os sucessores de Reimert Ravenholt eram um clone de Ravenholt, como já mencionei antes. Todos eles trabalhavam no modo demográfico. Todos eles acreditavam nos serviços verticais de planejamento familiar e todos acreditavam que o controle populacional era o problema mais grave que a humanidade enfrentava.

Comecei concedendo doações para organizações não governamentais, ONGs, que eram também pesadamente financiadas pela USAID, mas elas me procuravam na Fundação Ford dizendo: ***“Veja, Adrienne, as mulheres às quais estivemos dando planejamento familiar, elas querem desesperadamente serviços de saúde infantil e querem aconselhamento e suporte durante a gravidez. Assim, você não poderia doar-nos recursos para isto?”***

Recebi então uma carta do governo dos Estados Unidos, da parte do chefe de missão da USAID, basicamente dizendo-me que parasse com aquilo e desistisse de conceder recursos para as suas ONGs. Mas eles não tinham nenhum direito de nos dizer qualquer coisa sobre como nós deveríamos gastar nosso dinheiro. Pensavam que aquilo seria um desvio da atividade principal do planejamento familiar em que estes trabalhadores necessitavam concentrar-se.

Agora, estes eram os dias quando havia abusos nos programas de esterilização, tantos que tivemos que reunir todo um contingente externo de avaliadores e montar um time de vigilância, o que foi feito em parte pela Fundação Ford, que realmente concluiu que a razão pela qual estas mulheres estavam morrendo durante os procedimentos de esterilização era porque estavam sendo over-anestesiadas para que puder mantê-las quietas.

Mas em qualquer caso, o que então aconteceu foi que realmente transformamos o programa da Fundação Ford em Bangladesh. Isto também teve uma influência em alguns dos outros doadores, mas não muitos na área populacional. Basicamente a USAID e o Banco Mundial mantiveram o seu domínio.

### ***19. Nova posição anti-aborto do governo Reagan.***

Já estávamos no fim de 1983 e Joan me escreveu dizendo haver boatos segundo os quais seria provável que o governo Reagan, na Conferência Mundial de População de 1984 que realizar-se-ia no México, adotaria medidas contrárias ao aborto. E a USAID, inclusive em Bangladesh, estava colocando restrições crescentes naquilo que na época era chamado de programa de regulação menstrual, que na verdade era o programa de abortos precoces utilizando a tecnologia que o próprio Reimert Ravenholt havia criado e desenvolvido. Eu sempre lhe serei grata por isso.

### ***20. O programa de abortos em Bangladesh: da USAID para o Pathfinder.***

O que aconteceu com esta tecnologia, a assim chamada seringa e canaleta de Karman, foi que assim que ela ficou pronta para ser amplamente usada e as pessoas que iriam utilizá-la em todo o mundo haviam começado a ser treinadas, foram impostas diversas restrições ao trabalho da USAID. A tecnologia e os fundos para promovê-la foram repassadas para algumas das agências que cooperavam com a USAID e, em Bangladesh, esta era a Pathfinder. Eles realmente desenvolveram um excelente programa de treinamento em Bangladesh. Enquanto isso eram criadas novas ONGs, como a Coalisção para a Saúde das Mulheres de Bangladesh, porque as organizações não governamentais que trabalhavam com planejamento familiar e eram financiadas pela USAID haviam sido avisadas de que não mais poderiam fornecer aparelhos de regulação menstrual [para interromper a gravidez] para seus clientes.

## ***21. Nasce a International Women Health Coalition.***

Sandra Kabir, [em Bangladesh], literalmente estabeleceu uma clínica no meio da rua financiada pelo que na época era o Comitê da Crise Populacional, que havia reestruturado a National Women's Health Coalition (Coalisção Nacional para a Saúde da Mulher), uma ONG então moribunda nos Estados Unidos. Basicamente o PCC, o Comitê da Crise Populacional, investiu recursos privados na Coalisção Nacional para a Saúde da Mulher. E Merle Goldberg, sua diretora, renomeou a organização, que passou a ser chamada de International Women's Health Coalition (Coalisção Internacional para a Saúde da Mulher), e decidiu que criaria um grupo afiliado em cada um de tantos países quantos fosse possível. Bangladesh foi um dos primeiros. Merle Goldberg e Sandra Kabir associaram-se como uma casa pegando fogo e basicamente Merle treinou Sandra e ajudou-a a construir toda uma clínica de [abortos] utilizando os aparelhos de regulação menstrual exatamente no meio da rua. Chamaram a organização de Coalisção de Bangladesh para a Saúde da Mulher e eu passei a financiá-la como a Fundação Ford Bangladesh.

Assim a Bangladesh Women's Health Coalition era parte do consórcio Pathfinder para treinar todos os agentes públicos de saúde para habilitá-los a realizarem abortos precoces e seguros nos thanas de Bangladesh. Isso foi algo extraordinário. Os thana representam, em Bangladesh, a divisão administrativa equivalente a um município.

Quando nós ouvimos dizer que o governo Reagan iria adotar na Conferência Mundial de População de 1984 as medidas assim chamadas de Política da Cidade do México, todas as ONGs financiadas pela USAID foram notificadas em um curtíssimo espaço de tempo que deveriam abster-se completamente da [prática do aborto através da] regulação menstrual e que elas não poderiam realizar estas práticas em prédios separados, registros separados e equipes separadas, que era o que tinham tentado fazer.

## ***22. Três quartos de milhão de dólares para financiar o aborto em Bangladesh.***

Criei um pacote de três quartos de milhão de dólares para financiar estas três ONGs neste tipo de instituto de treinamento quase governamental. Naqueles dias três quartos de milhão de dólares era uma grande quantidade de dinheiro para meu escritório. E tive novamente uma grande batalha com Nova York, porque a Fundação Ford nunca havia financiado serviços de aborto em qualquer lugar, inclusive nos Estados Unidos.

Depois, com certeza, a Política da Cidade do México foi revogada e agradeço a Deus por ter feito estas doações, porque realmente aquela foi uma das poucas ocasiões, e acabou-se tornando um exemplo duradouro de

como os países com leis muito rígidas contra o aborto podem, não obstante, reconhecer a necessidade que as mulheres têm deste serviço e encontrar uma maneira de oferecê-lo através do aparelho governamental, incluindo todo o nível intermediário de agentes de saúde que não são médicos.

### **23. A Fundação Hewlett coloca Joan Dunlop na IWHC.**

Enquanto isso o que estava acontecendo nos Estados Unidos foi que Merle Goldberg, a chefe da International Women's Health Coalition, foi avisada pelo PCC, o Comitê da Crise Populacional e seu único doador, que não iriam mais financiar a IWHC. Ela começou a visitar as fundações para conseguir dinheiro e uma das primeiras às quais se dirigiu foi a Hewlett. Naquele tempo quem estava lá era a Anne Murray.

Anne basicamente disse a Merle: ***“Veja, concordo com você. Nós precisamos de pelo menos uma ONG sediada nos Estados Unidos que possa manter viva a questão do aborto seguro neste período tão ruim que está para vir”***. Era o inverno de 1983. ***“Penso que a Coalisção Internacional para a Saúde da Mulher poderia ser esta ONG. Mas veja, Merle, basicamente você não é uma administradora. Terá que renunciar. E mais, todo o atual quadro administrativo terá que concordar com uma reestruturação total e mais ainda, pretendo colocar Joan Dunlop no cargo de presidente”***.

Assim Anne fez a proposta a Joan e Joan disse: ***“Bem, eu aceito, mas coloco três condições. A primeira é que quero doações para vários anos, e não apenas da Hewlett, mas de pelo menos duas outras fundações para financiamento geral”***. Joan era muito sofisticada neste tipo de trabalho. Aquilo era realmente uma condição chave que ela colocou. A segunda condição era que Adrienne voltasse de Bangladesh para trabalhar no programa, porque Joan nunca havia pessoalmente trabalhado a nível internacional e não tinha este tipo de experiência. E a terceira era que a Coalisção não mais enfocaria seu trabalho na disseminação e no treinamento do uso da seringa canular de Karman para regulação menstrual, como nós a chamávamos.

### **24. Adrienne Germain vai para Nairobi. Primeiro trabalho político na ONU.**

Havia um telegrama esperando por mim em Nova Delhi, dizendo: ***“Mudança de planos. Voe para Londres e siga para Nairobi”***. O telegrama era assinado por Joan.

Bem, em 1985 ocorreu a Segunda Conferência Mundial sobre a Mulher. Havia perdido a primeira em 1980, que havia se realizado em Copenhagen, e não havia realmente sido uma Conferência Mundial, mas algo como se fosse uma espera ou preparação para outra coisa. O jornal da conferência e os jornais locais do Quênia haviam publicado manchetes anti-aborto contendo acusações de que esta conferência seria sobre o aborto. E penso que este pode ter sido o primeira utilização pública do termo ***“direito à vida”***, porque na época o Padre Paul Marx era o chefe de uma organização chamada qualquer coisa como International Right to Life.

Mas Joana era uma estrategista política muito astuta. Ela entendeu tudo logo no início e começamos a realizar reuniões de estratégia com nosso pequeno grupo, mas logo a seguir concluímos que basicamente teríamos que tomar todo o fórum das ONGs, ou pelo menos ali colocar tantos participantes quantos fosse possível que estivessem do nosso lado. Por que? Porque ficou muito claro no primeiro dia do encontro que os grupos do Quênia, liderados pela Igreja Católica Romana, haviam mobilizado não sei quantos quenianos para literalmente inundar o campus onde a parte das ONGs estava sendo realizada.

Fizemos uma reunião no salão de um hotel e basicamente disse: ***“Ouçam, nunca pedi nada para vocês, para nenhuma de vocês, mas agora preciso pedir. Sei que cada uma de vocês já tem um bocado de reuniões e assim por diante e mais ainda, mas se não nos mobilizarmos para enfrentar estas pessoas, seremos todas tragadas. Isto será o fim”***. Todas concordaram. Assim, o que nós fizemos foi desenvolver a primeira, se quisermos chamá-la deste modo, estratégia interna-externa da Coalisão em seu trabalho político a nível da ONU. O que fizemos, com todas as minhas colegas da era Fundação Ford, foi organizar e assegurar que elas iriam espalhar-se, novamente, em todas as reuniões possíveis no fórum das ONGs, onde o pessoal do Direito à Vida pudesse criar obstáculos. Conseguimos administrar tudo e, de fato, o documento publicado por aquela conferência tinha nele declarações muito mais progressivas sobre o direito da mulher sobre seu próprio corpo do que qualquer outra coisa que já houvesse sido alcançado em qualquer consenso da ONU.

Joan Dunlop entendeu que as conferências das Nações Unidas eram um forum onde teríamos que exercer pressão. Nós duas percebemos que necessitávamos desesperadamente instrumentos que legitimassem o direito das mulheres a controlar sua própria reprodução, incluindo, mas não se limitando apenas a isto, o aborto. Naqueles dias falávamos de reprodução. Não estávamos falando de sexualidade. Ao longo dos anos tivemos que desenvolver estratégias para elaborar astuciosamente estes documentos, tecendo-os e apresenta-os ao mundo de uma determinada maneira que pudessem tornar-se instrumentos úteis. Vou voltar ainda a este assunto porque a Coalisão tornou-se muito ativa para que estas coisas se tornassem realidade.

## ***25. Inicia-se o trabalho internacional da IWHC.***

Foi assim que começamos. Basicamente dividimos o trabalho e fomos visitar estes vários países. Joan foi primeiro para a Indonésia e as Filipinas e depois eu fiquei com o resto. Enviamos um membro do grupo, Ieda Siqueira Wiarda, que era brasileira, para o Brasil inspecionar o programa brasileiro e Judith Helzner e eu visitamos a Colômbia e o Perú.

Havia ainda alguns membros do grupo que não eram verdadeiramente muito úteis e que certamente não concordavam com a terceira condição que Joan havia colocado para assumir a presidência da IWHC, não sei já a mencionei, a de que não podíamos trabalhar só com aborto, que o aborto era algo com que as mulheres se defrontam em suas vidas reprodutivas, mas de modo algum a única coisa. Politicamente, não fazia mais sentido lutar em separado apenas pelo aborto do que lutar em separado apenas pelo planejamento familiar. Não seria politicamente astuto.

Mas a razão por que mencionei isto é que antes que deixasse Bangladesh, tendo já feito aquelas doações para financiar o programa nacional de treinamento em regulação menstrual, até que conseguisse encontrar um doador bilateral que assumisse o programa, negociei com a Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional para fazê-lo. Eles porém colocaram uma condição, que houvesse um grupo feminista de fora envolvido que garantisse que o programa fosse de alta qualidade e não se tornasse abusivo.

## ***26. Carmen Barroso é indicada para o Programa Populacional da Fundação McArthur.***

Assim, decidimos por uma abordagem muito mais estratégica para o que veio a ser o Segundo Simpósio Tietze, que realizamos no Rio de Janeiro. Realizou-se logo após o Congresso Internacional, anual ou bianual, da FIGO, que é a International Federation of Obstetrics and Gynecology.

Realizamos o simpósio em conjunto com a FIGO para tentarmos reunir a maior presença possível de obstetras e ginecologistas, porque já havíamos compreendido que em todos os países, diversamente dos Estados Unidos, onde obstetras e ginecologistas não têm muito poder e prestígio, na maioria dos países onde trabalhamos e especialmente no que dizia respeito a nossos assuntos, os obstetras e ginecologistas eram uma força decisiva, especialmente no que diz respeito à questão de como os serviços de aborto deveriam ser oferecidos, se deveriam ser oferecidos e como deveriam ser oferecidos.

Assim, nós queríamos os obstetras, mas também pagamos para trazer de muitos países diferentes mulheres que eram prestadoras de serviços, administradoras de programas, pesquisadoras e ativistas, e este foi provavelmente a primeira iniciativa a nível mundial para reunir os movimentos de mulheres com o **“establishment”** para fazer com que ambos os lados dialogassem e chegassem a um entendimento.

O que aconteceu neste simpósio, entretanto, foi que a Fundação MacArthur havia recém iniciado um novo programa populacional. Novamente, graças às conexões de Joan, ela havia encontrado o homem na Fundação que naquele tempo recebeu a responsabilidade de definir o que os programas populacionais deveriam fazer. Novamente, isto foi um exemplo de alavancamento. Fizemos muito disso. Chamamos a sua equipe, a equipe que o estava educando, viajamos com ele e, por fim, marcamos um encontro de mulheres em Miami para conversar ele sobre os pontos de vista das mulheres e como elas percebiam estas coisas.

Mas de qualquer forma, o motivo porque menciono isto é porque na época do Simpósio Tietze no Rio de Janeiro, a Fundação MacArthur havia concordado que nós tínhamos muito o que trabalhar com eles sobre como elaborar aquele programa, e eles também precisavam recrutar alguém para dirigi-lo. No Rio de Janeiro quisemos gastar algum tempo para conversar com José Barzelatto, que havia sido trazido para o programa da Fundação Ford quando Bud Harkavy se aposentou. José Barzelatto foi um notável obstetra chileno, muito empenhado em encontrar maneiras de oferecer serviços de aborto seguros para as mulheres, depois dos muitos casos de abortos mal feitos que havia visto durante seu período de residência nos hospitais do Chile. Era muito ativo na FIGO. Mahmoud Fatallah era o presidente da FIGO, ou o presidente que estava assumindo a FIGO naquela época, não lembro bem. Não recorro também se foi ele ou mais alguém que havia recomendado Jose Barzelatto [para trabalhar na Fundação Ford], mas os dois eram colegas muito próximos e já havíamos convidado o Dr. Mahmoud para escrever um dos trabalhos que seriam apresentados no Simpósio Tietze. De qualquer forma, ele estaria envolvido no simpósio.

Foi então que, uma manhã bem cedo, este era o comportamento clássico de Joan, acordamos bem cedo e caminhamos com Mahmoud e José pela praia de Ipanema. Basicamente Joan disse-lhes: **“Ouçam, pensamos que Carmen Barroso deveria ser a pessoa certa para chefiar o programa da MacArthur, o que dois homens como vocês podem fazer a respeito?”**

## 27. O projeto do aborto na Indonésia.

Herdamos projetos na Indonésia, Filipinas, Bangladesh, Senegal e Brasil.



Em todos estes casos, os projetos previam o oferecimento de serviços de aborto. No caso da Indonésia estes serviços eram ilegais, mas oferecidos abertamente e com o conhecimento das autoridades governamentais que não os perseguiam. Eram oferecidos através da Federação Indonésia da Paternidade Planejada. Eram oferecidos também através de um programa de treinamento cuja maior parte era administrada por dois médicos em uma clínica gratuita de saúde pública. Tratavam-se de pessoas que realmente somente estavam interessados no controle da fertilidade.

## ***28. O projeto do aborto nas Filipinas.***

Nas Filipinas [o projeto do aborto] era verdadeiramente um serviço clandestino, altamente arriscado, mal elaborado e administrado. Poucas mulheres eram capazes de encontrar o serviço. E quando o faziam, muitas eram rejeitadas com mais frequência do que deveriam se se tratassem de razões estritamente médicas, porque a equipe era realmente muito frágil e medrosa. O que é, porém, compreensível porque, você sabe, as Filipinas é um dos únicos quatro países do mundo que proíbe o aborto absolutamente. E é também o único país onde existe uma proteção constitucional. Havia, portanto, um risco muito alto associado com a oferta de serviços de aborto, especialmente se estamos falando da década de 80. Associado com aquele serviço clandestino havia algo chamado de Instituto de Estudos Sociais em Ação, comandado por uma jovem muito interessante, uma feminista muito dedicada com quem trabalhamos de fato durante muitos anos. Rena Marcello era o seu nome. Mas a sua equipe e a proteção para o serviço de aborto clandestino era fornecido por dois líderes do movimento do planejamento familiar nas Filipinas, o juiz [Alfredo] Tadiar e sua esposa, Florence [Tadiar].

## ***29. O projeto de aborto em Bangladesh.***

Já mencionei que quando vivia em Bangladesh e a nova Política da Cidade do México forçou o fim do financiamento do programa de treinamento nacional em regulação menstrual e o o programa de serviços de regulação menstrual, que era um aborto precoce realizado a vácuo, passei a financiar estes programas a partir da Fundação Ford para que pudessem sobreviver e costurei uma parceria com a Agência para o Desenvolvimento Internacional do governo da Suécia para que eles pudessem continuar o financiamento dos programas de treinamento e serviços. A condição que a agência sueca havia exigido para isso era que a Coalisão Internacional para a Saúde da Mulher continuasse a trabalhar com aquele programa nacional.

Assim os programas em cada um destes três países, os que havíamos herdado da Indonésia e das Filipinas e aquele que trouxe comigo de Bangladesh, eram extremamente diferentes. Quero dizer, não é possível pensar em circunstâncias regionais e em natureza de projetos mais diferentes do que estas.

## ***30. O projeto do aborto no Senegal.***

Mas no Senegal era mais diferente ainda. Merle Goldberg havia encontrado uma mulher notável. Era obstetra e ginecologista, creio eu. Não tenho certeza se era obstetra e ginecologista ou não, mas estava iniciando sua própria clínica pessoal em que pretendia oferecer serviços de aborto, novamente em um país com leis muito

restritivas. Ficou claro para nós que ela estava cobrando pelos serviços e que, portanto, poderia sobreviver financeiramente sem a nossa ajuda.

### **31. O projeto do aborto no Brasil.**

Na América Latina o único trabalho que herdamos era no Brasil. Havia dois ou três provedores isolados de serviços de aborto, tanto quanto possa lembrar-me, incluindo um localizado em uma região muito afastada da Amazônia. Basicamente a estratégia que decidimos seguir naquela época, e nosso principal empenho, era construir a própria capacidade organizacional das mulheres em incrementar o acesso ou oferecer serviços de abortos seguros no contexto de uma abordagem mais holística da saúde da mulher. Na realidade nem sempre apenas promovemos os grupos de mulheres, principalmente nos primeiros dias. Estivemos intensamente envolvidas na busca de médicos, a maioria dos quais, de fato, eram homens e não mulheres, em todos estes países. Assim, e enquanto isso, a Coalisão também tinha também que tratar com o Comitê da Crise Populacional, que penso já haver mencionado. A Coalisão Internacional para a Saúde da Mulher começou a sua vida como uma subsidiária totalmente pertencente ao Comitê da Crise Populacional para entregar e espalhar o kit manual de aspiração a vácuo para regulação menstrual, o aborto precoce a vácuo. Era isto o que Merle distribuía e assim por diante.

A primeira viagem que realizei ao Brasil, carreguei os kits de regulação menstrual que iria entregar em minha bagagem. Naqueles dias, literalmente, fiz muito isso, especialmente na América Latina e mais tarde na Nigéria e no Camarões. Tínhamos que tratar de todos aqueles procedimentos sobre documentação e o que diríamos para o pessoal da alfândega se abrissem nossa bagagem e vissem os aparelhos. A Coalisão tinha recebido do PCC o equipamento e os direitos autorais do material de treinamento que Merle Goldberg havia desenvolvido, porque sua missão havia sido distribuir o material e treinar as pessoas para que soubessem usá-lo. Mas eu estava entendendo muito rapidamente que não deveríamos mais entregar o equipamento. Tínhamos que nos livrar daquilo. E mais, não éramos nós quem dava o treinamento. Tínhamos que abandonar os direitos autorais, mas na época das primeiras visitas ainda não havia chegado neste estágio.

O Brasil foi um dos países que me empurraram nesta direção, além dos limites. Ali visitei os provedores de aborto, mas já sabia muita coisa a respeito devido ao meu trabalho anterior em Bangladesh. E você sabe, eu entendi imediatamente que não podíamos envolver-nos em serviços de entrega direto naquele país. Tudo o que fazíamos não chegava a ser sequer uma gota em um oceano.

A primeira visita que fiz ao Brasil foi o máximo. Era o final de dezembro e o começo de janeiro, incluindo o Ano Novo. Estávamos em dezembro de 1985 indo para janeiro de 1986. Creio que foi antes do Simpósio Tietze. Com certeza tinha muitos contatos com o pessoal da Fundação Ford para fazer e com as feministas que consegui encontrar no Rio de Janeiro. Fui convidada pelo representante da Fundação Ford para a festa de fim de ano em um belíssimo apartamento de cobertura em Ipanema. Passamos uma noite agradável e os amigos se preparavam para ir embora. Colocamos cinco ou seis de nós em um fusquinha da Volkswagen, três de nós no assento de trás, um homem guiando e uma mulher com criança de colo na frente. Quando passamos no túnel que vai de Ipanema para não-sei-onde, um motorista bêbado veio diretamente para cima de nós, porque haviam acabado de inverter as direções do túnel. Foi uma batida de frente que destruiu o carro. Eu fui a mais atingida dos passageiros. Um nariz quebrado, olhos inchados e pretos, minhas pernas prensadas no banco da frente. Mas tinha uma agenda cheia já planejada. No dia 2 de janeiro teria que estar em São Paulo.

Voei para São Paulo onde a Fundação Ford concedeu-me uma consultora chamada Mary Anne Schmidt, muito fluente em português. Não sabia nada sobre saúde, mas acompanhou-me o tempo todo como intérprete. Foi

nesta primeira viagem quando conheci em São Paulo o coletivo Maria José de Oliveira Araujo, que foi nomeada em 2003 pelo presidente Inácio Lula da Silva, chefe do Programa de Saúde da Mulher de seu novo governo. Mas naqueles dias elas estavam organizando um pequeno serviço feminista que incluía o encaminhamento clandestino para serviços de aborto em uma área de baixa renda de São Paulo, bem em frente de uma grande estação de ônibus onde elas eram assaltadas o tempo todo, e isto, aquilo e mais aquilo outro. De qualquer modo, eu estive ali. Encontrei toda a equipe, identifiquei outras pessoas com quem podia reunir-me em São Paulo e fiz tudo.

Então resolvi, junto com Mary Anne, voltar de avião. Você sabe, isso é normal. Mas eu não sabia que era uma coisa estúpida viajar para o Brasil nesta época do ano. Não sei por que, resolvi insistir. Era o tempo de Natal e Ano Novo, onde tudo pára. Pior do que aquilo só o Carnaval, que na realidade é muito pior. Assim, quando chegamos no aeroporto, todos os vôos haviam sido suspensos. Não consigo lembrar-me por que. Creio que foi porque haviam vendido mais passagens do que os lugares disponíveis. Quando finalmente conseguimos entrar no avião pediram a todos os passageiros se podiam levar alguma criança no colo para conseguir mais vagas nos assentos. E eu ali, com as pernas inchadas, o nariz quebrado, os olhos enormes, todo mundo olhando para mim, e ainda tive que levar uma criancinha no meu colo durante toda a viagem para a Amazônia, que na verdade era muito longa.

O vôo estava muito atrasado. Na verdade chegamos [em Manaus] às duas horas da madrugada. Certamente, nada estava aberta àquela hora. Tomamos um táxi e começamos a procurar algum lugar para dormir, não sei onde foi, um pequeno hotel, para voltar ao aeroporto logo após às cinco da manhã. Não tínhamos comido desde que havíamos saído de São Paulo para ir ao aeroporto. Nada para comer, nada para beber, nada no avião. Também não havia nada no hotel, zero, porque estávamos entrando no meio da noite. Disseram que éramos felizardas porque podíamos entrar.

Quando chegamos ao aeroporto às cinco da manhã, soubemos que o vôo havia sido cancelado. Disseram que se quisesse chegar onde tinha que ir, teria que embarcar em outro percurso que, do ponto de vista aéreo, seria muito mais longo. Respondi que somente queria entregar um equipamento, mas que não queria sair do Brasil. Assim, para encurtar a história, tive que contratar um avião particular. Infelizmente não tive tempo nem cabeça para examinar antes o avião. Mary Anne e eu entramos naquela coisa. Voamos e atravessamos o além, seja lá onde fosse aquilo. Quando saímos do avião e o céu estava coberto de nuvens, o piloto me advertiu que teríamos de estar de volta em uma hora. Eu respondi: ***“O que você quer dizer com uma hora? Eu acabei de pagar uma fortuna. Preciso no mínimo de duas horas”***. O piloto replicou: ***“Do que você está falando? Esteja de volta [em uma hora]”***.

Quando finalmente encontramos o provedor de abortos, fiquei absolutamente horrorizada. Ali estava aquele homem, um homem manifestamente decente e tentando fazer o melhor que podia nas condições físicas miseráveis de seu consultório. A coisa horrível era que Merle havia-lhe doado um aparelho de regulação menstrual, feito de partes plásticas. Aquilo devia ter sido em 1980 e, desde então, ninguém havia voltado para vê-lo ou para dar-lhe outro aparelho. Ele ainda estava usando o mesmo, esterilizando-o através da fervura. Mas não se podia fazer aquilo com o plástico. Eu olhava para tudo e pensava: ***“Meu Deus, foi nisto que deu fornecer serviços de aborto através da Coalisão”***. A seringa estava amarelada e quebrada, e havia mais problemas que não quero mencionar. Posso garantir que não havia aborto seguro com aquele aparelho. Conhecia muito bem o equipamento. Tive que ensinar aquele homem sobre como fazer desinfecção a frio e entreguei todos os aparelhos que trazia.

Voltamos para o aeroporto. Para cortar a história, estávamos no ar, com muitos relâmpagos e todo o inferno que se abria. Então perdemos a conexão pelo radar. Avistamos uma rodovia que começava em lugar nenhum e ia para lugar nenhum. Só havia água e árvores. Foi um milagre que conseguimos descer no chão. Mas durante a descida fomos perdendo as asas e uma coisa depois da outra. Durante a tentativa de aterrissagem o co-piloto bateu

gravemente a cabeça e começou a acontecer uma coisa depois da outra. Quando aterrissamos tivemos que sair correndo do avião com medo que se incendiasse. Mary Anne está traumatizada [até hoje].

Eu pensei: ***“Bem, pelo menos estamos com sorte porque não está chovendo”***. De qualquer maneira, estávamos perdidas em um lugar ignorado e Mary Anne traumatizada. Gastamos dezessete horas andando sem rumo até encontrarmos um lugar onde houvesse algum tipo de comunicação. Ao longo do caminho encontramos algumas pessoas que não tinham a mínima idéia sobre se havia qualquer outra coisa no mundo além daquele lugar. Finalmente conseguimos chegar, não me lembro mais onde. Soubemos que o marido de Mary Anne, que estava na Flórida, estava desesperado, porque havíamos sido dadas como perdidas. Estava coberta com as mais terríveis mordidas de insetos, das quais era alérgica. Estava completamente inchada e, pior do que isso, ainda não tinha conseguido nenhuma comida ou bebida desde que havia saído de São Paulo. Foi uma experiência única na minha vida. Eu trabalhei em todos os lugares do mundo. Se isto tivesse acontecido em Bangladesh, mesmo as pessoas mais pobres teriam me oferecido chá ou qualquer outra coisa.

### ***32. O projeto do aborto na Colômbia, Venezuela e Perú. O IPAS.***

De qualquer maneira, depois do que aconteceu no Brasil, a decisão foi que nunca mais faríamos serviços de abortos clandestinos. Trataríamos de encontrar mulheres que estivessem realmente interessadas em trabalhar com mulheres, aconselhá-las e encaminhá-las. Já que a realidade na América Latina havia se mostrado muito diferente daquela da Ásia, decidimos que a coisa correta para fazer ali seria promover duas ou três líderes feministas no máximo, até mesmo uma já seria suficiente, em cada um dos vários países. Começou então um período de mil flores. Sustentamos o trabalho de pessoas extraordinárias na Colômbia, na Venezuela, no Perú. Todas elas de uma forma ou de outra ligadas aos serviços de abortos seguros, ou pelo menos intermediando estes serviços de uma maneira que eu podia ter estômago para aquilo, não como aconteceu com o médico do Amazonas. Entendi realmente que não deveríamos mais [envolver-nos com a distribuição direta de equipamentos para a realização de abortos]. Combinamos com o IPAS, o International Project Assistance Services, que já era o produtor dos equipamentos [para os abortos], que ficasse também com os direitos autorais do material para treinamento, os quais além disso necessitavam desesperadamente de atualização, coisa que podia perceber claramente a partir de minha experiência em Bangladesh e pelo próprio equipamento.

### ***33. A busca de lideranças.***

A consciência de ser uma estrangeira no país dos outros sempre foi motivo de preocupação em relação à Coalisão. Uma das conseqüências disto era o problema de entender o que as pessoas realmente iriam fazer quando elas afirmavam que iriam fazer alguma coisa. Eu preferia, por isso, trabalhar em países onde a Fundação Ford possuía escritórios regionais. Isto nos dava uma base local para entender quem era quem e quem fazia o que, o que continua assim até hoje, embora esteja mudando novamente. Até muito recentemente isto era verdade para o Brasil, em relação ao cone sul da América Latina. Isto era verdade também para a Indonésia, para Bangladesh e, até que fosse fechado o escritório, para a Nigéria. Naqueles anos estávamos orientadas para a busca de lideranças que pudessem promover a saúde da mulher em um tipo de perspectiva com base em direitos. No início fiz alguns erros sérios na Nigéria ao selecionar as pessoas. Tivemos dois ou três anos no fim dos anos 80 em que estávamos tentando encontrar espaço para manobrar, lideranças e assim por diante. No início dos anos 90 estávamos fazendo doações não mais tanto para patrocinar serviços de aborto seguro, mas para financiar atividades relacionadas que

poderiam ajudar as mulheres de diferentes idades a ter acesso a serviços, ou que iriam documentar o problema de uma maneira que nós ou elas mesmas pudéssemos usar em advocacy.

### **34. A epidemia da AIDs.**

Mas em meados dos anos 90 o que nossas colegas começaram a nos dizer era ***“que nossas crianças estavam em risco”***. Estavam começando a entender que o HIV/AIDs estava chegando e que o governo recusava-se absolutamente a reconhecê-lo. E assim, surgiu um grande interesse de diversas de nossas colegas em desenvolver programas para trabalhar com adolescentes. Não há nada na Nigéria em matéria de trabalho com adolescentes, nada em matéria de sexualidade e et cetera. Nós continuamos a patrocinar a Sociedade das Mulheres contra o HIV/AIDs, tanto na Nigéria como nos Camarões.

Esqueci de contar como as coisas se desenvolveram na América Latina. Ao longo destes anos o que aconteceu foi o drama contínuo de fazer tudo o que podíamos para patrocinar o acesso ao aborto seguro ao mesmo tempo em que havia poucos destes serviços. Agora há coalisões em ambos os países contando com uma grande variedade de profissionais e outras pessoas que estão trabalhando nisto. Eles aprendem uns com os outros através das fronteiras.

Mas então esta educação sexual da adolescência que promove a igualdade de gênero e os direitos humanos, uma frase muito importante, tornou-se o centro, eu diria, de nosso interesse programático. O mais recente coro dos violinos nesta orquestra tem sido os direitos sexuais, grupos que estão trabalhando os temas da violência contra a mulher, dos crimes de honra, da imposição da lei da Sharia no norte da Nigéria, até da orientação sexual. Isto basicamente significa doações em dinheiro e programas de assistência técnica envolvendo um conjunto de dez, entre oito e dez, ou doze organizações colegas chaves em cada país, muito diversamente do cenário asiático, em sua maior parte só recentemente conectadas em uma política nacional.

Juntamente com a Joan houve alguns princípios que passamos a seguir. No trabalho com os adolescentes, o que nos distingue é, novamente, um compromisso para encontrar grupos ou já estão comprometidos e colocam a igualdade de gênero e direitos humanos no centro de seu trabalho com os adolescentes, ou que estão realmente interessados em desenvolver esta orientação. E isto realmente tem diferenciado a Coalisão de tantos outros grupos que tem entrado no campo e que estão trabalhando com os adolescentes. Eles saem a campo para dar educação sexual para um determinado número de adolescentes em um determinado período de tempo. Enquanto que o que estamos procurando é o compromisso com o tema da igualdade de gênero e de direitos humanos.

### **35. Novamente o encontro das lideranças.**

O que queremos é mudar as mentes e os corações. Para isto, em terceiro lugar, temos o negócio de identificar as lideranças ou as lideranças em potencial. Tem sido notável quão bem conseguimos identificar líderes à medida em que emergiam e patrociná-las para que construíssem suas bases organizacionais de tal maneira que elas pudessem criar suas próprias agendas. A liderança, a identificação de líderes não como indivíduos mas como aquelas que irão criar uma capacidade organizacional para definir os problemas como elas as vêem e ter idéias sobre como resolver estes problemas.

No caso da Nigéria, você pode ver os bons resultados deste trabalho porque hoje nós patrocinamos grupos em diferentes partes do país. O governo ficou tão impressionado que pediu a estas ONGs que se reunissem e

criassem uma estrutura para implementar uma política nacional de saúde para os adolescentes. E depois disso o ministro da educação pediu ao mesmo time que o ajudassem a criar um currículo nacional de educação sexual, o que elas fizeram.

Agora, vamos voltar ao caso do Brasil, que havíamos deixado pendente: tendo decidido que não deveríamos entregar aparelhos para a prática dos abortos, o que começamos a fazer foi patrocinar os únicos três grupos orientados para a saúde e direitos feministas daquele tempo. Um deles estava em São Paulo, outro no Rio de Janeiro e um terceiro mais acima, no nordeste, em Recife. Conseguimos um financiamento continuado para estes grupos. Eles, por sua vez, identificaram outros que também poderíamos patrocinar. Estes se tornaram o que eu poderia chamar de a primeira geração da liderança brasileira em saúde e direitos da mulher.

A maioria das líderes vieram da luta pela democracia no Brasil. Elas haviam vivido durante o regime militar. Algumas delas haviam sido exiladas. Outras haviam permanecido no país. Mas você frequentemente descobre que qualquer liderança ou organização feminista que existe hoje na América do Sul possui suas raízes na luta para derrubar as ditaduras militares. É uma dinâmica muito diferente do modo como as ONGs surgiram no contexto da África sub-sahariana. Parte da força do movimento latino americano pela saúde e direitos das mulheres é a sua história precedente na batalha por uma sociedade democrática. E esta na realidade é uma das razões pelas quais nossas colegas africanas encontram dificuldades tão grandes para desenvolverem o trabalho que elas querem realizar, porque basicamente elas vivem em sociedades não democráticas.

Mas, de qualquer maneira, o que aconteceu no Brasil foi que estas líderes extraordinárias, que estavam ainda no início de suas carreiras, identificaram algumas outras. Nós as patrocinamos principalmente com financiamento. Eram pessoas muito sofisticadas e experientes. Então chegou um tempo em que elas decidiram: ***“Está certo, estrategicamente estamos agora nas grandes cidades; queremos formar uma rede de tal modo que possamos realmente construir aqui uma aliança, conseguir fazer o trabalho político, e assim por diante”***. A Coalisão (a IWHC), foi a primeira patrocinadora daquela capacidade de trabalhar em rede. E elas não entenderam realmente o quanto elas foram cruciais para construir um movimento político, que é, em essência, o que tem que acontecer se você quiser garantir a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos. Temos que compreender-nos a nós mesmas como agentes políticas. E, portanto, o caminho pelo qual fizemos nosso trabalho fundamentalmente tem que engajar-se com as outras, inclusive indo além da colaboração para construir alianças e chegarmos além de nossa própria unidade, o que não é fácil. Joan e eu estivemos tentando fazer isto juntas desde 1973, mantendo nossas comunidades engajadas patrocinando a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e realmente é um trabalho duro até os dias de hoje.

Bem, temos aqui um outro princípio. Posso agora diferenciar entre gastar uma grande quantidade de energia em uma briga correta e conseguir que alguma coisa seja feita. O que Joan e eu fizemos foi posicionar a Coalisão para conseguir que as coisas fossem feitas, mas ainda assim, que fossem bem pequenas, mas realizando-as estrategicamente para nivelar nossa influência com a dos maiores atores. Sabíamos que não poderíamos fazer isto sem a legitimidade, a credibilidade e realmente com a participação das mulheres e dos poucos homens que trabalhavam em seus próprios países porque não haveria absolutamente nenhuma para uma organização baseada nos Estados Unidos na luta global pelas políticas e recursos de saúde sem uma base nacional local. Isto é uma das partes. É o nosso pé no movimento pela saúde e direitos das mulheres.

O outro pé da organização está na corrente principal, é a capacidade técnica. Seleccionamos ao longo dos anos muitos elementos técnicos chave, o que chamamos de elementos específicos em saúde e direitos reprodutivos. Estivemos à sua caça para com isso podermos acumular uma atenção global.

E finalmente, o terceiro pé era realmente, não sei como descrevê-lo exatamente, mas é a questão política. Joan, de qualquer forma, trouxe para a Coalisão uma certa gama de contatos e uma força política que não podiam

ser ignorados. Trabalhou com John Rockefeller III e, naquele período, acumulou todos aqueles diversos relacionamentos que ela conseguiu neste país. Ela é exatamente uma pessoa muito poderosa. Assim, as pessoas tem que nos levar a sério precisamente no sentido político. E parte dele consiste em que conseguimos construir esta capacidade de relacionamento.

Em conclusão, mencionei que no Brasil patrocinamos as primeiras poucas líderes que encontramos. Elas identificaram outras. Então criaram uma rede. Nós financiamos a rede.

### ***36. A cúpula do Rio de Janeiro. A Conferência do Cairo. O Trabalho na ONU.***

Em 1992 a ONU organizou a Cúpula Mundial, um encontro de chefes de Estado no Rio de Janeiro sobre o meio ambiente. Eu não queria envolver-me. A Conferência das Mulheres de Nairobi havia sido péssima. Joan e eu realmente não queríamos mais nada com a ONU. Estávamos fartas, queríamos esquecer. Mas, enquanto isso, Bella Abzug estava mobilizando as mulheres de todo mundo, em um trabalho que culminou com num encontro na Flórida onde elas assumiram o compromisso de comparecer à Cúpula do Meio Ambiente no Rio de Janeiro. Coincidentemente, eu precisava ir ao Perú, ao Chile e ao Brasil com uma nova funcionária do programa, Susan Wood. Eu estava planejando não dar nenhuma atenção à Cúpula da Terra. Era assim que se chamava, a Cúpula da Terra. A idéia era convidar e pagar para nossas colegas e algumas outras no movimento de todo o país para virem encontrar-se conosco no Rio de Janeiro. Nós tivemos tanto sucesso em identificar pessoas que queriam vir e abrir um debate conosco que acabamos criando dois eventos separados. A questão do nosso encontro foi que, já que estávamos financiando este trabalho no Brasil há seis anos, estávamos convidando as mulheres para virem debater sobre os próximos seis anos, o que gostaríamos de fazer em seguida nos próximos seis anos.

Mas, enquanto isso, a Cúpula da Terra estava se tornando, literalmente, o Fórum das ONGs. Aquela foi a primeira conferência mundial que teve uma presença realmente muito grande de ONGs com ativistas de verdade. A Conferência de Bucareste na qual John Rockefeller III falou sobre população e a Primeira Conferência Mundial de Mulheres tinham ONGs, mas sem nenhuma força política considerável. Mas elas aterrisaram no Rio como uma vingança. Havia milhares. E Bella havia mobilizado mulheres até o máximo possível. Foi grande.

Assim, nós resolvemos ir e observar o que estava acontecendo. Grande parte das mulheres que Bella havia trazido e grande parte das mulheres da comunidade de ONGs, estavam situadas naquela parte do espectro anti-tecnológico quando se abordava o tema do controle da fertilidade. Não havia nada de ideológico, simplesmente eram pessoas contra os métodos hormonais. Diziam que estes métodos eram nocivos ao próprio corpo, ou sabe-se lá o que. Os métodos de barreira eram ótimos, o diafragma e o preservativo excelentes. Mas não queriam nenhuma daquelas outras coisas artificiais. Eram o grupo anti-tecnologia. Começaram a criticar bem alto e destrutivamente os programas nacionais de planejamento familiar que, naquele tempo, em toda a América Latina, eram desenvolvidos por ONGs fundadas pela USAID ou, na Ásia, por programas governamentais.

Tanto na América Latina como na África não havia preocupação pela igualdade de serviços e tudo o mais. Havia uma multidão de problemas, como o consentimento informado e muitas coisas deste tipo. E na África, realmente, o planejamento familiar não havia se iniciado. Deveria ser parte da saúde materna e infantil, mas o planejamento familiar ficava inoperante quando as pessoas começavam a questionar por que os anticoncepcionais eram gratuitos mas o tratamento pediátrico não. Realmente, más vibrações. E no Rio de Janeiro havia todo um segmento da comunidade [de mulheres] que estavam apresentando estes mesmos argumentos. Na Cúpula muitos representantes de governos e também muitos representantes das ONGs afirmavam que o problema era a própria

população. Havia muitas pessoas na Terra. Se quiséssemos ter um ambiente saudável, teríamos que ter menos pessoas. Então estava tudo pronto para um conflito.

E o que aconteceu foi que as pessoas voltaram para casa, inclusive para Washington, para a imprensa dos Estados Unidos e da Europa, dizendo basicamente que as mulheres estavam dormindo na mesma cama que o Vaticano contra o planejamento familiar, o que absolutamente não era verdade.

Assim acabamos sendo interpeladas por algumas das mulheres que eu mais respeito no mundo, Peggy Antrobus, Jacqueline Pitanguy, Gita Sen, Sonia Correa, que nos diziam, basicamente: ***“Temos que fazer alguma coisa a respeito. Cairo já está aí em 1994. Vamos perder a batalha pelos anticoncepcionais se não fizermos alguma coisa”***.

Joan e eu respondemos: ***“Certo, apoiaremos tudo o que quiserem fazer, desde que vocês tomem a iniciativa”***. Foi assim que se produziu um evento, uma pequena sessão de tempestade cerebral em Londres, na qual produziu-se a Declaração sobre Política Populacional.

Em seguida o plano era que deveríamos, tendo esta Declaração como o rascunho de alguma coisa, realizar aquilo que para nós na época seria um grande congresso internacional de mulheres, não nos Estados Unidos, que iriam realmente produzir uma declaração antes da Conferência do Cairo para que tivéssemos um instrumento de trabalho com que nos pudéssemos apresentar no Cairo. A IWHC e a CEPIA [Cidadania, Estudos Informação e Ação], nossa colega brasileira, patrocinaram tudo. Conseguimos reunir, se não me engano, 210 mulheres de quarenta e três países, para este congresso que realizou-se em 1993 no Rio de Janeiro, como preparação para a Conferência do Cairo em 1994.

Conseguimos que este grupo planejasse a Conferência do Rio de Janeiro para que pudesse apresentar uma estratégia sobre o que fazer na Conferência do Cairo. A IWHC levantou todo o dinheiro, hospedou os encontros e tudo o resto. E, estando sediada em Nova York, tínhamos toda a informação de dentro das Nações Unidas.

Basicamente, estas conferências da ONU tem um protocolo a cumprir que se inicia quando o secretariado da conferência, que neste caso era a FNUAP [Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais], prepara um documento para consideração dos governos. O documento do Cairo foi um desastre desde a primeira palavra. O FNUAP sempre esteve na extremidade do controle populacional neste grande espectro. E as linhas gerais do esboço que eles prepararam era inaceitável para inaceitável quando ocorreu o que foi chamado de reunião do Comitê Preparatório. Acabamos tendo quatro Comitês Preparatórios. O secretariado teve que apresentar um segundo esboço totalmente revisto e se não me engano até um terceiro porque os governos estavam em desacordo. Basicamente os governos que estavam em desacordo eram os dos Estados Unidos, e isto porque eu estava na delegação e estava determinada a que a política dos Estados Unidos teria que ser pela saúde e direitos reprodutivos das mulheres, os suecos, os demais países escandinavos e a Holanda, que por muito tempo haviam sustentado os mesmos pontos de vista. Eu havia treinado as suas equipes e fornecido todo o seu material.

Finalmente, cada vez que havia um Comitê Preparatório, levantávamos o dinheiro para trazer colegas de vários países para o lobby nas delegações. Dávamos material, encorajamento e apoio para que, se fosse possível, integrassem as delegações de seus governos, oi que algumas delas realmente fizeram. Tivemos que mergulhar em todo estes procedimentos da ONU, dos quais naqueles momentos tivemos que aprender tudo. Acabamos levantando e gastando durante um período de cerca de quinze meses um milhão de dólares para fazermos a Conferência do Cairo. Mais tarde fizemos o mesmo em outro Congresso para defender o Cairo, mas gastamos somente quarenta mil dólares e talvez mais vinte e cinco para outras despesas. Quero dizer, aprendemos a fazer tudo isso com mais eficiência. Conhecemos maravilhosas colegas internacionais, altamente capacitadas, que agora estão dispostas a sair de seus países e fazer tudo isso por si mesmas, na medida em que nós podemos obter as



informações internas e repassá-las. Isto é apenas para dizer que ao longo do tempo nós realmente dominamos os procedimentos das Nações Unidas. Fizemos isso muitas vezes.

Dentro da delegação dos Estados Unidos estava eu e Ellen Marshall, uma jovem da equipe de Tim Wirth. Tim, se não me engano, era o deputado Secretário de Estado assistente, uma função de alto nível do Departamento de Estado responsável por aquela conferência e, mais tarde, também pela Conferência de Pequim. Susan Sechler, da Fundação Pew, também estava ali, porque ela e Tim Wirth eram conhecidos. Ellen, Susan e eu não nos conhecíamos muito bem uma à outra e nunca havíamos trabalhado juntas. Tivemos dificuldades, mas basicamente entendemos que tínhamos uma agenda em comum. Iríamos torná-la realidade e para isto iríamos educar a Tim. Ellen educaria seu chefe de equipe, que mais tarde tornou-se seu marido, David Harwood. Susan manteria Tim Wirth na linha.

Estávamos construindo a pressão dentro da delegação dos Estados Unidos a favor da saúde e dos direitos reprodutivos. Mesmo antes de Bush, os Estados Unidos eram uma super-potência. Mais, os Estados Unidos haviam sido o maior doador para as questões populacionais. Isto pesava muito. Mas, como eu disse, nós estávamos determinadas a remodelar a política dos Estados Unidos. Isto se alinhava com a Casa Branca de Clinton porque Clinton, [em questões relacionadas com o aborto], era um presidente a favor do direito de decidir. Sua esposa Hillary e eu havíamos sido colegas de classe. Sempre que tivemos dificuldades com os burocratas do Departamento de Estado, eu podia passar uma mensagem para Hillary e dizer: **“Hil, você sabe...”**, e o casal respondia grandiosamente. Trabalhamos duro para patrocinar as pessoas e ajudá-las a colocá-las dentro das delegações de seus governos, e depois trazer outras que não estavam em seus governos mas vinham de seus países.

Foi então que chegou um momento decisivo. Foi, creio eu, no Quarto Comitê Preparatório, quando estávamos realmente chegando na reta final. A Conferência do Cairo realizar-se-ia em setembro. Nafis Sadik, a presidente do FNUAP, ainda não tinha um documento de consenso. Estava tudo uma desordem.

Tim Wirth estava fazendo o que melhor podia na liderança. Ele havia conseguido ser ovacionado de pé ao ler o discurso dos Estados Unidos que Susan Sechler e eu havíamos escrito. Isto nunca havia acontecido e, especialmente, nunca havia acontecido com os Estados Unidos, porque os Estados Unidos, mesmo naquela época, não tinham uma grande reputação na ONU. Aquela ovação foi algo realmente emocionante. Foi tão emocionante porque os programas de controle populacional executados com mão de ferro pela USAID anos antes representavam tudo o que o povo americano não queria. E para Tim Wirth, como chefe da delegação dos Estados Unidos, a leitura daquela declaração sobre a saúde e os direitos reprodutivos das mulheres assombrou todo o mundo. Foi emocionante. Foi grandioso.

De qualquer maneira, estávamos no Quarto Comitê Preparatório e ainda não tínhamos um documento. Não iríamos ter a ruptura [que procurávamos]. Nafis basicamente reuniu o plenário e disse: **“Ouçam. Vocês vieram aqui justamente para negociarem este documento para si mesmas. Não estamos chegando a nenhum lugar pelas formalidades processuais”**.

Tratava-se realmente de um momento vital, porque o que estava acontecendo era que o Vaticano era o principal responsável por impedir que os Comitês Preparatórios chegassem a um documento. E o que Nafis entendeu naquele momento era que somente as mulheres tinham a autoridade moral para acabar com aquilo, isto é, que o Vaticano continuasse argumentando: **“Por que todo este discurso de eliminar os bebês em vez de alimentar os bebês?”** E **“por que isso”** e **“por que aquilo?”** Você sabe como é. Tudo o que eles faziam era anti. Com certeza era anti-aborto, mas era também anti-contracepção, era um show anti-tudo.

Naquele momento eu soube que Nafiz havia entendido que se ela fosse vencer no Cairo, então as mulheres tinham que assumir a liderança. Daquele dia em diante ela enviou uma mensagem clara não só para a sua equipe,

mas também para o seu séquito de organizações de planejamento familiar e de doadores dizendo-lhes: ***“Entendam, as mulheres vão para a linha de frente. Estes são assuntos de mulheres. Elas tem moral para defendê-los. Vocês tem que entrar na linha e apoiá-las”***. A partir deste dia, por causa disso, criou-se um ressentimento na comunidade [populacional] que dura até hoje. Mas, por outro lado, os membros mais espertos dos grupos ambientais, do planejamento familiar e das questões populacionais puderam entender que era aquilo que realmente havia acontecido.

Enquanto isso a Santa Sé estava tentando costurar uma aliança com os estados islâmicos conservadores, coisa que não conseguiram principalmente porque o Egito era o governo hospedeiro. Tim Wirth insistia com eles que havia explicado aos seus irmãos árabes que, se eles fizessem uma aliança com a Santa Sé, tudo estaria acabado. Ademais, a Santa Sé colocava como premissa de tudo muitas coisas de seu arsenal anti-aborto. Mas os países islâmicos realmente não estão terrivelmente interessados na questão do aborto. Na maioria das interpretações do Islam, não existe uma coisa como o aborto até os oitenta ou cento e vinte dias de gestação, quando se daria a animação do feto. Antes disso, não existe alma. Não há ser humano. Sendo assi, então o aborto realmente não é um problema. Agora se tornou um problema, desde aqueles anos, por causa dos grupos conservadores. Mas, quando fomos ao Cairo, não era.

Assim, chegamos à Conferência do Cairo. Nós havíamos escrito o discurso do [vice presidente Al Gore]. Ele voou à noite para o Cairo no Air Force One, saiu do avião e sua jovem assistente havia reescrito aquele discurso de um modo desastroso. Tivemos uma horrível negociação que durou a noite toda tentando restaurar os princípios básicos. Al Gore estava preocupado com a eleição. Estávamos em 1994. Os bispos católicos estavam exercendo uma grande pressão sobre a Casa Branca. Eu tive que dizer: ***“Nada feito. Não se preocupem com os bispos. Temos o apoio da asa Branca. Temos o apoio do Conselho Nacional de Segurança. Temos o apoio do Departamento de Estado. Não espanem este discurso”***. Mesmo assim, o discurso que refizemos em vez de ser um maravilhoso, livre e visionário, tornou-se um balão inchado, mas pelo menos não fêz mal. Não disse nada que tivesse sido um retrocesso. Mas foi uma performance patética, exatamente patética. Isto não precisava ter acontecido. Eu estava furiosa porque havíamos escrito realmente um bom discurso. E esperávamos para ele uma outra ovação de pé como Tim Wirth havia conseguido em Nova York no Comitê preparatório. Por que não? Clinton merecia isso naquela época.

Foi então que chegou a Sra. Brundtland, primeiro ministro da Noruega. E deitou a casa abaixo. Foi absoluta e específica sobre o fato da Santa Sé não ter possuir nenhum tipo de cidadania e certamente nenhuma mulher cidadã. E que a Santa Sé não representa ninguém, e blá, blá. E foi por causa destas posições que a Sra. Brundtland tornou-se depois, em 1998, diretora geral da Organização Mundial da Saúde.

Tim Wirth delegou-me a estratégia e as negociações para os dois capítulos chave da Conferência do Cairo sobre saúde e direitos sexuais e reprodutivos. Eram os capítulos sete e oito, os mais difíceis, porque tratavam sobre o controle da fertilidade, incluindo o aborto, a oferta de serviços de saúde e tudo o mais. Nunca pude falar formalmente no plenário em nome dos Estados Unidos. Isto somente poderia ser feito por um membro do governo. O que me haviam delegado eram as negociações nas pequenas salas, que é o lugar onde acontecem as verdadeiras negociações.

Ao longo dos capítulos sete e oito havia um impasse total por causa da Santa Sé. Sempre que a Santa Sé estava presente na sala havia problemas. Fora isto, havia outros governos com perspectivas diferentes. Para os governos islâmicos os adolescentes são um problema real. Por causa disso, eles não podiam suportar a parte dos direitos sexuais. Eles não se preocupavam com a parte do aborto, mas os adolescentes e os direitos sexuais eram um grande problema.

Basicamente o que aconteceu estava nos dois parágrafos de abertura do capítulo sete. O primeiro parágrafo era uma descrição básica do que é e do que abrange a saúde reprodutiva, incluindo a saúde e os direitos sexuais. O segundo parágrafo originalmente tratava dos direitos reprodutivos, enquadrados segundo os princípios dos direitos humanos já existentes.

A linguagem de abertura que desejávamos para o documento do Cairo não era tudo o que queríamos, mas era muito. Em essência, o que a Santa Sé fez, com a ajuda neste caso do grupo islâmico, foi bloquear o trabalho do primeiro parágrafo no que dizia respeito a todos os métodos de regulação da fertilidade e até mesmo ao aborto ainda que permitido por lei. E objetava, basicamente, a todos os tipos de coisas. No fim, não se chegava a lugar nenhum.

Ultimamente o que aconteceu foi que eu concordei em abandonar a expressão “**direitos sexuais**”, coisa que o movimento jamais me perdoou, em troca da proteção de quarenta e dois parágrafos sobre a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos em outras partes do documento assim como nos capítulos sete e oito. E com a condição de que o segundo parágrafo do capítulo sete fosse redigido com um vínculo muito claro com o primeiro, o que significava que em um contexto de Nações Unidas, por implicação, os direitos sexuais estavam incluídos no parágrafo dos direitos reprodutivos. Ninguém que não fosse de dentro das Nações Unidas iria realmente se preocupar com isso!

De qualquer maneira, tínhamos que nos preparar agora para Pequim. Costuramos todo tipo de acordos, melhor do que havíamos feito no Cairo, e et cetera. Em Pequim eu estava novamente na delegação dos Estados Unidos.

Hoje a IWHC estabeleceu basicamente todas as três tendências de seu mundo: o investimento contínuo na capacitação das mulheres no nível dos países, os procedimentos intra-governamentais nas Nações Unidas, e o trabalho técnico que serve de respaldo. Temos relações duradouras com a Organização Mundial da Saúde, o FNUAP, com especialistas em várias áreas do conhecimento e, conforme já mencionei, publicações que são episódicas. Nunca tivemos uma newsletter, uma revista ou qualquer publicação seriada regular, porque não queria que nos tornássemos uma organização jornalística.

Enquanto isso, nossas colegas nos diversos países tem se tornado mais e mais fortes, especialmente no Brasil e na Nigéria. O que aconteceu é que basicamente ainda estamos no coração de nosso trabalho, que é o financiamento da capacidade de construir em alguns poucos países e sustentar uma ampla rede de colegas engajadas e manter as negociações inter-governamentais nas Nações Unidas em andamento.